

APRESENTAÇÃO

*É sempre bom lembrar
Que um copo vazio
Está cheio de ar.*

Excerto da canção Copo vazio
Letra e música de Gilberto Gil
Cantada por Chico Buarque de Holanda

Diz a canção que um copo vazio está cheio de ar. Ao escutá-la percebemos que o “vazio” do copo não é mais que um estado aparente. Também a criança surda, (aparentemente) vazia de audição, está cheia de fôlego para a vida e de vontade de comunicar. Para ser feliz e se tornar uma pessoa adulta realizada e competente, necessita exactamente do mesmo que todas as outras crianças: condições de vida condizentes com a sua singularidade de ser humano. A surdez é assim, se decidirmos escutá-la, como uma canção que os surdos nos “dão a ver”.

Este livro, embora desenhado num contexto académico e, por isso, escrito com o rigor científico e terminológico que essa condição lhe impõe, pretende constituir-se num contributo para (re)pensar a surdez e (re)tratar algumas das temáticas em torno desta, de um modo abrangente e adequado a um público diversificado. Neste sentido, é propósito das autoras, concorrerem para que, pais, professores, educadores, psicólogos, intérpretes, estudantes, médicos, terapeutas e outros técnicos da saúde, bem como a sociedade em geral, possam, ao longo desta obra, encontrar informação e reflexão acerca da surdez e da educação de surdos.

Compreendemos a Ciência como um dos diferentes modos de conhecimento do mundo, e não como um sistema único de acesso e construção de conhecimento. Ela, cada vez mais, beneficia de um diálogo permanente com concepções diversificadas, com outras formas de entendimento e com as artes. Ao escolhermos o quadro “Música Surda” de Amadeo de Souza-Cardoso para ilustrar a capa do nosso trabalho, pretendemos metaforizar essa ideia.

No seu todo, o nosso trabalho visa a surdez, num registo concreto de incidência e abrangência da surdez profunda e pré-linguística¹. Não significa, contudo, que

¹ Surdez de nascença ou que se manifesta antes dos dois anos de idade. (Baptista, 2005)

os pressupostos e fundamentos apresentados aqui, não possam ser válidos e extensivos a outras situações de surdez, considerando a análise das singularidades de cada caso. Com efeito, importa fazer esta ressalva. Ela é tanto mais pertinente quanto mais se verifica que o número de crianças surdas com Implante Coclear², no nosso país, cresce de forma exponencial. Não obstante o debate que, neste âmbito, urge promover, afigura-se pertinente esclarecer que as crianças implantadas não deixam de ser crianças surdas e, como tal, beneficiarão com um contexto educacional bilingue adequado à sua condição³.

No que concerne à surdez enquanto construção cultural, ideia central deste trabalho, Veiga-Neto esclarece que no entendimento de que estamos perante uma invenção cultural, permanece "(...) claro que isso não significa que não existam pessoas que não ouvem, às quais denominamos "pessoas surdas". Em outras palavras, existe uma "materialidade surda", mas isso, por si só, não faz sentido. Aliás nenhuma materialidade carrega, em si mesma, algum sentido. No caso das pessoas surdas, é em consonância com essa materialidade não ouvinte que os sentidos de surdez vão sendo construídos e inventados discursivamente, num campo de lutas por significação e reconhecimento social. É nesse processo que a surdez acaba sendo instituída como uma marca identitária extremamente importante." (2006:8).

Deste modo, ao pensarmos a inclusão educativa dos surdos como direito de igualdade de acesso aos conteúdos curriculares e à excelência académica é fundamental não perdermos de vista a ideia de que uma das importantes missões da proposta bilingue é garantir o desenvolvimento cognitivo e integral do indivíduo surdo, e, como tal preconizamos que esta deva ser pensada no registo de uma educação multicultural sociolinguisticamente sustentada. Uma educação bilingue e multicultural não envolve apenas considerar a necessidade do uso de duas línguas, mas, significa, também, dar espaço privilegiado e prioritário à língua natural⁴ dos surdos e ter como eixo fundamental a identidade e os marcadores culturais⁵ surdos, o que pressupõe um intercâmbio cultural, no qual não apenas ouvintes e surdos interajam e mutuamente se enrique-

çam, mas no qual outras culturas sejam também contempladas, pois a relação ouvinte-surdo não é a única categoria de análise a ser considerada.

A Primeira Parte deste trabalho traça um percurso panorâmico, visitando e revelando alguns "cantos" da surdez e da educação de surdos, e evidenciando os referenciais teórico-epistemológicos que justificam esse trajecto.

Na Segunda Parte, discute-se o lugar das Línguas Gestuais e do Bilinguismo na educação da criança surda, sendo apresentados alguns contributos e reflexões sobre as características da Língua Gestual Portuguesa e da aquisição e desenvolvimento da linguagem na criança surda.

Por último, a Terceira Parte, articula o binómio singularidades dos alunos surdos/especificidade da Filosofia, discutindo o papel da Língua Gestual Portuguesa e da Língua Portuguesa, na construção e expressão do conhecimento filosófico.

Esta obra é fruto do estudo e da investigação que nos tem levado a visitar os recantos da surdez, e a deixarmo-nos seduzir pelo que ela nos revela. Assolam-nos algumas dúvidas e confortam-nos algumas certezas. Umhas e outras são fundamentais, para que possamos perseguir ideais e lutar por causas, mantendo a lucidez necessária e aceitando serenamente a imensidão e a pequenez do que fazemos.

Dedicamos esta obra a todas as pessoas surdas que são a razão da sua existência, destacando as que fazem parte das nossas equipas de investigação, pela exemplaridade e pela dádiva das suas lições de vida.

Orquídea Coelho

Referências Bibliográficas

- BAPTISTA, Madalena (2005). Implante Coclear: a Controvérsia na Educação da Criança Surda Pré-linguística. In Inês Sim-Sim (Org.), *A Criança Surda. Contributos para a sua Educação*. (pp 101-117) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VEIGA-NETO, Alfredo (2006). Apresentação. In Adriana Thoma & Maura Lopes (Orgs.), *A invenção da surdez II. Espaços e tempos de aprendizagem na educação de surdos*. (pp7-8). Santa Cruz do Sul: EDUSNIC.

2 Prótese auditiva, sob a forma de dispositivo electrónico, colocado na zona craniana através de cirurgia, e cujo papel é substituir a função da cóclea, estimulando as terminações nervosas da audição e proporcionando sensações auditivas.

3 Baptista (2005), entre outros, menciona diversos autores e estudos que sustentam estas afirmações.

4 Expressão de Inês Sim-Sim (2005), definida adiante, na Primeira Parte.

5 Conceito desenvolvido por nós, na Introdução da Primeira Parte.